Começos

Porbandar: o nome faz sonhar. Um mundo de pescadores, de armadores, navios que cruzam entre a Índia, a Arábia e a costa leste da África, aventurando-se até a África do Sul, lá onde Gandhi haveria de descobrir um dia sua vocação... Mas, no momento em que ele nasce, em 2 de outubro de 1869, não era senão um pequeno porto pesqueiro adormecido na costa do Gujarat.

A cidade de Porbandar, "com suas ruelas estreitas e seus bazares atulhados, com seus muros maciços, desde então em grande parte demolidos, encontra-se a três passos do mar da Arábia. Suas construções, desprovidas de grandeza arquitetônica, são feitas de uma pedra branca que endurece com os anos, brilha suavemente ao pôr-do-sol e valeu à cidade a denominação romântica de 'Cidade branca'. Os templos ocupam ali um lugar de importância; a própria casa ancestral dos Gandhi erguia-se perto de dois templos. No entanto a vida toda estava, ainda está, centrada no mar" (MG, 9).

Ainda no final do século XIX, muitas famílias tinham relações de negócios do outro lado dos oceanos; aliás, foi um contato desse tipo que permitiu a partida de Gandhi para a África do Sul.

Na época, Porbandar era apenas um dos trezentos principados e territórios da região do Gujarat, governados por príncipes que o acidente de seu nascimento e o apoio de um soberano mantinham no trono. A despeito dessa fragmentação e do regime feudal, a região soubera evoluir; havia inclusive dado à Índia alguns homens de negócios empreendedores, alguns reformadores religiosos e sociais. Tenacidade, senso de uma missão, esses traços não eram raros; alguns historiadores indianos propuseram mesmo que não por acaso os dois homens que, de maneira oposta, mais influenciaram a história da Índia no século XX, Gandhi e Jinnah, eram originários desse Estado.*

Cada região da Índia tem sua especificidade, gravada pelos milênios. Há cinco mil anos, sugere um biógrafo de Gandhi, "o Gujarat já era um ponto de intercâmbio entre o Ocidente e o Oriente. Inclusive se conhece o nome das populações comerciantes dessa região[1]..." Para quem gosta da idéia de influências profundas e longínquas, de vocações depositadas como um sedimento através das gerações e dos séculos, é sedutor pensar que Gandhi descendia dessa antiga oligarquia mercantil e que dela conservara a astúcia e a sabedoria.

Ele pertencia à casta dos *banian*, isto é, dos mercadores do Gujarat, dos "especieiros", diz ele em sua autobiografia, que povoavam desde sempre a região – comerciantes pacíficos, muito afastados pelo espírito dos xátrias, isto é, dos guerreiros, a segunda das quatro castas, muito difundida em outras partes da Índia. Os *banian* faziam parte da terceira grande casta**, a dos vaixás.

Esses mercadores estavam impregnados da doutrina jaina*** da não-violência. É certo que ela marcou fortemente Gandhi. Como sublinha Nehru, ele era "em parte tributário das concepções de que se impregnara nos anos de juventude passados no Gujarat... Gandhi tinha um olhar eclético sobre o desenvolvimento do pensamento e da história indianos. Pensava que a não-violência era o princípio subjacente a esse desenvolvimento... Sem pôr em causa os méritos da não-violência no estágio atual da existência humana, pode-se dizer que essa visão revelava um prejulgamento histórico da parte de Gandhi" (DI, 516). Assim, segundo Nehru, a não-violência não seria um elemento dominante do pensamento indiano, tal como este evoluiu, mas sim do jainismo que se implantara no Gujarat e que influiu sobre os anos de juventude de Gandhi (os nacionalistas hindus fundamentalistas – que resistiram ao carisma de Gandhi

– invocarão, por sua parte, um passado diferente, guerreiro, no qual os antepassados hindus se destacaram por sua virilidade, seus combates, seu recurso à força).

"Monges jainas visitavam com freqüência meu pai, inclusive se afastavam de seu caminho para aceitar comer à nossa mesa..." (Mas seu pai recebia igualmente amigos muçulmanos e parses que lhe falavam também de religião. Ele os escutava com respeito e o jovem Gandhi tinha a ocasião de assistir a essas conversas – o que contribuiu, diz ele, para lhe inculcar uma larga tolerância religiosa.) Seja como for, a não-violência era, em Gandhi, um princípio implantado desde a origem. Ao lado desse valor, revestido de uma importância particular, eram cultivadas, nesse meio tradicionalmente comerciante, as virtudes de honestidade, economia, integridade. Do passado mercantil da família, Gandhi conservou o hábito das contas bem administradas e da poupança, mostrando-se "atento em reduzir as despesas, hábil na gestão dos comitês, caçador infatigável de subscrições"; em suma, qualidades que revelam, segundo Orwell, "os sólidos homens de negócios da classe média que eram seus antepassados". Bom senso, realismo, espírito prático. Em sua luta contra o Império, ele teria descoberto naturalmente o nervo da guerra, a questão comercial, ao inaugurar em 1920 seu boicote dos produtos ingleses que haveria de atrapalhar a administração britânica.

Mas, escreve Gandhi em sua autobiografia, "durante três gerações, a contar do meu avô, a família fornece primeiros-ministros em vários Estados...", os "*dîvan*", homens de princípios, que souberam assumir riscos e não deixaram de ter bravura. Essas qualidades de lealdade, de audácia, Gandhi as admirava igualmente no pai, Karamchand: íntegro, imparcial, fiel ao Estado – a ponto de desafiar um agente britânico que insultara seu chefe –, ele era, além de bravo e generoso, um homem de clã, devotado à família. Pouco letrado, pouco culto, confiava na sua experiência dos homens e dos negócios, que era vasta. "Toda a sua educação era fruto apenas da experiência. Quando muito se poderia dizer que sua instrução atingia o quinto grau em gujarati [língua da região]. Ele ignorava tudo da história e da geografia..." (EV, 10). Um ponto fraco: era impulsivo, colérico e, o que é pior do ponto de vista de Gandhi, "talvez propenso aos prazeres da carne", como parece comprovar o fato de ter-se casado quatro vezes – e a quarta "quando já passara dos quarenta anos", com uma mulher jovem que tinha vinte anos menos que ele.

Desta, chamada Putlibai, teve três filhos homens – Mohandas sendo o mais jovem – e uma filha. Meio século separava Gandhi do pai – anos de distância que forçavam mais a reverência do que favoreciam a troca.

Gandhi e seu pai

A reprovação que lemos, na autobiografia, acerca da sexualidade do pai foi sem dúvida acentuada por uma falta ainda mais grave (Gandhi nunca haveria de esquecê-la): por insistência desse pai envelhecido, a família decidiu casar Mohandas. Ele tinha então apenas treze anos. Questão de economia: seu irmão mais velho se casava, bem como um primo de mais idade, assim haveria três cerimônias pelo preço de uma – "Era preferível", pensava a família, "livrar-se de uma só vez de todos esses estorvos. Menos gastos; mais *brilho*" –, mas parece também que o pai teria desejado celebrar as núpcias antes que a morte o surpreendesse.

O prazer da festa, porém, foi prejudicado, pois, durante a viagem de Rajkot (para onde haviam se mudado os Gandhi) a Porbandar (onde o casamento seria celebrado), o pai sofreu uma queda. Esse acidente quase mortal terá conseqüências decisivas sobre a vida do filho: "Meu pai fez boa figura apesar dos ferimentos e nada perdeu do

casamento... Eu estava longe de pensar, então, que um dia o criticaria severamente por ter-me casado tão jovem" (EV, 18).

De volta para casa, Mohandas dividiu-se entre sua mulher-criança, a escola que continuava a freqüentar e os cuidados que devia prestar ao pai. Assumiu com amor, com zelo, o papel materno de ajudante, e isto durante os últimos anos de vida do pai (papel que mais tarde tornou-se a paixão de sua vida: ele cuidaria da Índia inteira, dos intocáveis, dos leprosos, dos famintos). Já estava então constantemente a serviço de um outro, na certa dividido, pensando na mulher enquanto se ocupava do pai, no pai quando estava junto da mulher. Tanto que negligenciou os estudos e acabou perdendo um ano.

Da escola, aliás, ele fala pouco, dizendo que era um "aluno medíocre", surpreso com prêmios e bolsas que lhe eram concedidos, bastante passivo, parece, exceto quando suas qualidades morais eram postas em dúvida. Tinha então reações extremas. "Eu exercia uma guarda ciosa sobre minha conduta. O menor acidente me fazia vir lágrimas aos olhos. Se eu merecia ou parecia merecer aos olhos do mestre ser repreendido, era-me intolerável" (EV, 25).

Assim, num dia em que foi suspeito de mentir, sentiu uma vergonha insuportável. Chegara atrasado à escola, num sábado. O céu estava coberto: "Eu cuidava de meu pai, não tinha relógio e o céu nublado me enganou. Quando cheguei, todos os outros haviam partido." Mohandas, que tinha o gosto e o hábito de zelar pela saúde do pai e de cuidá-lo, contentou-se, por escusa, em dizer a verdade. O professor recusou-se a acreditá-lo e o puniu. O jovem Gandhi então chorou, "no auge da angústia". A lição a tirar era clara: "A verdade não podia dispensar a prudência". (A seguir ele obteve a isenção desse curso a fim de poder cuidar do pai.)

Ser irrepreensível, tal era a necessidade emocional mais forte. Essa exigência moral chegou a fazer que ele ignorasse o conselho de um professor que, desejando ajudá-lo por ocasião de uma prova, o incitou a cometer uma desonestidade, isto é, copiar do vizinho. Gandhi menciona sua estupefação. Já nesse caso preciso, a consciência, ainda tão pouco segura, prevalecia contra uma autoridade superior.

Numa carta dirigida ao filho Manilal, quando este tinha dezessete anos, Gandhi oferece uma imagem pelo menos austera do que foi sua vida de criança:

> Os prazeres, os divertimentos são permitidos apenas à idade da inocência, isto é, até os doze anos. Assim que a criança atinge a idade da razão, ela deve aprender a agir com plena consciência de suas responsabilidades e fazer um esforço consciente e constante para desenvolver seu caráter... Quando eu era mais jovem do que tu, recordo que minha maior alegria era cuidar de meu pai. A partir dos doze anos, eu não soube mais o que são os prazeres e os divertimentos.[2]

Mesmo levando em conta a tradição (qual era, na época, o tom habitual da carta de um pai a seu filho na Índia?), não se pode hoje senão ficar espantado com um moralismo tão severo, "vindicativo", sugere Erik Erikson em seu estudo psicanalítico de Gandhi[3]. Como se seus filhos "devessem ser duplamente bons porque eram o fruto de um casamento precoce". Como se, poderíamos acrescentar, devessem antes adotar os valores dele, Gandhi, que os de Karamchand (a relação de Gandhi com os filhos, um dos quais acabou alcoólatra num hospital, e com sua mulher Kasturbai é um dos temas sobre os quais Erikson mostra-se mais severo em relação ao Mahatma).

Não se pode duvidar de que o jovem Mohandas teve as aspirações e os modelos mais elevados. Um dia deparou com uma história que o tocou profundamente. Ela exprimia exatamente seu ideal infantil, ou dava uma forma a esse ideal. O livro fora comprado pelo pai. Era uma peça sobre a devoção de um garoto pelo pai e a mãe:

Shravana, com o auxílio de correias atadas aos ombros, carrega nas costas seus pais cegos e lhes permite participar de uma peregrinação. O espírito de Mohandas foi marcado pelo "selo indelével" dessa história. Além disso, o herói morria, evitando assim o tropeço da vaidade que sua façanha poderia inspirar. Shravana passou a ser seu modelo, e a obediência, seu ponto forte. A religião, o amor aos pais e o sacrifício de si misturavam-se, agitando emoções profundas.

Mais ou menos na mesma época, ele viu uma peça – *Harishchandra* – que punha em cena um mártir da verdade; essa peça o entusiasmou, a ponto de não se cansar de revê-la: "Perseguir a verdade e suportar todas as provas como o fez Harishchandra, tal era o grande ideal que me inspirou essa peça". Acreditava nela "ao pé da letra", o que significa certamente que ela possuía, a seus olhos, mais realidade e sentido do que muitos problemas cotidianos.

O jovem Gandhi é extremamente sério, mais feliz ao devotar-se e fazer seu dever – em particular, cuidar do pai, tarefa que considera superior a todas as outras – do que ao ocupar-se de sua mulher-criança, apesar de gostar dela e de seu corpo, ou melhor, por causa desse gosto demasiado intenso. Ele havia se apaixonado perdidamente e não cessava de procurá-la, enquanto ela suportava essas ofensivas como uma fatalidade, certamente lamentando a liberdade perdida. "A sexualidade de Gandhi viu-se definitivamente desperdiçada em função do que foi, para ele, um excesso juvenil, esgotando sua força de concentração espiritual" (VG, 108).

Kasturbai tinha a mesma idade que ele; era simples, iletrada, sem gosto particular pelo estudo, obediente, como convinha, no entanto independente e resoluta, com uma vontade própria que defendia mesmo na submissão aparente (Gandhi, posteriormente, dirá que ela foi seu primeiro mestre no uso da não-violência). Era-lhe superior pela coragem física e permanecia sem medo diante dele, resistindo a seus esforços frenéticos para fazer dela uma mulher educada, que soubesse ler e escrever. Mais tarde se tornará "a mãe" admirada de todos, a companheira do Mahatma, mesmo iletrada. Como diz Pyarelal (o biógrafo e secretário de Gandhi durante cerca de trinta anos) a propósito de uma das inúmeras disputas do casal: com uma única das observações de um bom senso devastador cujo segredo possuía, ela lhe revelava seu absurdo. Mas aos poucos, de boa ou de má vontade, acompanhou o santo marido (que se mostrava em relação a ela de uma "cruel gentileza") e consentiu em secundá-lo ativamente em sua "missão de servir". Jovem, ela gostava de jóias e roupas bonitas. Quando lhe perguntaram, no final da vida, o que fora feito daquele gosto, respondeu: "A coisa mais importante na vida é escolher uma direção – e esquecer as outras".

Mohandas apaixonou-se então pela esposa-criança, esperando o dia todo, na escola e noutras partes, o momento de retomar suas atividades noturnas. "O desejo carnal se apresentou mais tarde", ele escreve, evocando suas relações. "Proponho levantar aqui a cortina sobre minha vergonha." Ele não tardou a tiranizá-la, atormentado pelo ciúme que um amigo perverso habilmente atiçava. Era obsessivo, injusto, violento. "Nunca esquecerei, nunca me perdoarei o fato de ter reduzido minha mulher a tanto desespero."

A sexualidade, demasiado forte, transbordante, muito cedo experimentada – e isto por causa do pai –, estava ligada à culpa. Representava uma perda de energia, mas também um dispêndio de emoção desordenada, em detrimento de uma vitalidade e de obrigações mais altas (uma idéia, aliás, que faz parte da tradição indiana, onde a inteligência superior, necessária, por exemplo, à meditação, vê-se aumentada pela substância sexual que se perde na ejaculação). Esse sentimento será reforçado, no momento da morte de Karamchand, por um episódio dramático que devia marcar Gandhi de forma definitiva e que, mais uma vez, dizia respeito à sua relação com o pai.

Mohandas enfrentaria nesse momento os demônios da vergonha, da tentação, do excesso e da culpa. Mas numa outra cena, sempre com o pai, vemo-lo vitorioso, senhor da situação.